

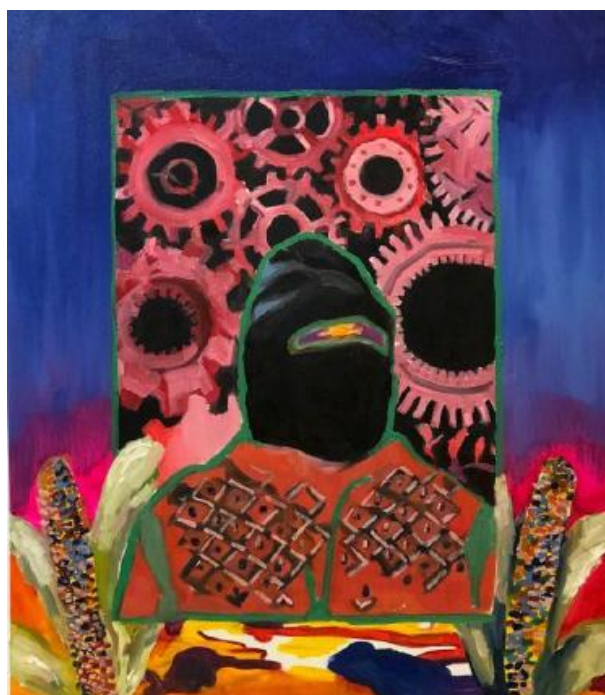
Construir paraquedas em tempos de urgência: uma abertura para imaginar outros mundos

Building parachutes in times of urgency: a breach to imagine other worlds

Bianca Zacarias França¹

Guilherme Eugênio Moreira²

Joyce Delfim³



"A fazedora de amanhecer" (2020), da artista brasileira Marcela Cantuária.⁴

¹ Doutoranda em Antropologia Social, mestra em Antropologia Social e Bacharela e licenciada em Ciências Sociais/Sociologia pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. Especialista Internacional em Estudos Afro-Latinoamericanos e Caribenhos pela Sede Acadêmica no Brasil da Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso) e pelo Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais (Clacso). Membro do LEAR/UFMG – *Laboratório de Etnografia e Antropologia das Religiões* UFMG. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/543235967776795>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2376-368X>. E-mail: biancazfranca@hotmail.com.

² Doutor e mestre em Antropologia. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5262664570473539>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8177-044X>. E-mail: guilherme.gem@gmail.com

³ Mestre em Estudos Avançados em História da Arte pela Universidade de Salamanca, doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFBA, integra o Grupo de Pesquisa Balaio Fantasma. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4585778764190919>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-5975-3725>. E-mail: joycedelfim@gmail.com.

⁴ A obra pertence à série de pinturas oraculares *Urutu* (2019-20), na qual a artista propõe ler suas obras como cartas de tarô. A leitura da pintura-carta *A fazedora de amanhecer* para nosso dossiê significa trazer ao presente a Comandanta Ramona, mulher indígena tzotzil e líder do Exército Zapatista de Libertação



Construir paraquedas em tempos de urgência: uma abertura para imaginar outros mundos

Bianca Zacarias França, Guilherme Eugênio Moreira, Joyce Delfim

O contexto contemporâneo é marcado por colapsos socioambientais e econômicos, pandemias e um crescente sentimento de incerteza em relação ao futuro da humanidade. Diante desse cenário, a Sociologia emerge como uma ferramenta essencial não apenas para a análise crítica das estruturas que produzem tais colapsos, mas também para o estudo e a formulação de alternativas e modos de resistência que permitam reimaginar e reconstruir caminhos viáveis para o porvir.

O presente dossiê propõe uma reflexão inter e transdisciplinar sobre as possibilidades de adiamento do “fim do mundo” tal como tem sido anunciado por diversos intelectuais e ativistas. Inspirado pelas discussões de Ailton Krenak, Isabelle Stengers, Davi Kopenawa, Anna Tsing, Marisol de la Cadena, Nêgo Bispo e Bruno Latour, o dossiê visa reunir trabalhos que explorem não apenas a crítica sociológica da crise global, mas também alternativas construídas por diferentes grupos sociais, especialmente aqueles historicamente marginalizados, como povos indígenas, quilombolas, ribeirinhos e comunidades tradicionais tanto em âmbito nacional quanto internacional.

Dessa forma, a proposta se insere na interseção entre a Sociologia, a Antropologia, os Estudos Ambientais e a Arte, contribuindo para um debate que extrapola as fronteiras disciplinares e se conecta a saberes não hegemônicos. O conceito de “paraquedas coloridos”, inspirado em Krenak, é utilizado como uma metáfora para imaginar saídas coletivas, criativas e resilientes diante dos desafios contemporâneos. Assim, fomentamos um diálogo entre acadêmicos e autores indígenas e negros, bem como entre epistemologias ocidentais e outros modos de conhecimento, favorecendo uma sociologia mais conectada às urgências do nosso tempo.

Nesse horizonte, apresentamos também a entrevista “Fazendo Mundos Possíveis: Construções da Soberania Popular com a Força da Terra”, adaptação da segunda edição da roda de prosa homônima, realizada em 2021 durante o congresso dos 75 anos da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Originalmente transmitida pela TV UFBA, a roda contou com as presenças de Selma Santos, educadora popular, quilombola do Engenho da

Nacional, representada na imagem, e sua participação na luta coletiva contra o neoliberalismo e pela autonomia dos povos indígenas mexicanos.



Construir paraquedas em tempos de urgência: uma abertura para imaginar outros mundos

Bianca Zacarias França, Guilherme Eugênio Moreira, Joyce Delfim

Ponte e integrante do Conselho Quilombola da Bacia e Vale do Iguaçu, e Joelson Ferreira, agricultor e liderança do Assentamento Terra Vista e fundador da Teia dos Povos, articulação de comunidades e organizações políticas que atuam na defesa dos territórios e da vida.

Organizada pelo grupo de estudos Colaborações para Além do Fim – formado por Bianca Zacarias França, Guilherme Eugênio e Joyce Delfim, antropólogas e historiadora da arte – a roda buscou criar um espaço de diálogo que excedesse os regimes coloniais e desenvolvimentistas, abrindo brechas para inspirações que nos ajudassem a enfrentar as múltiplas investidas antidemocráticas e mortíferas daquele momento. Perguntar como sentir, pensar e agir em tempos de catástrofes climáticas e humanitárias é também propor alianças entre mundos. Ao ouvir e partilhar experiências de resistência e criação, a entrevista se insere no espírito deste dossiê: convocar à escuta, à imaginação e à construção de paraquedas coletivos capazes de sustentar a vida em meio às quedas. Assim como os artigos aqui reunidos, a roda de prosa nos lembra que imaginar outros mundos é, antes de tudo, um gesto de sobrevivência e de reinvenção.

O dossiê visa contribuir para um modo de construir conhecimento que, mais do que diagnosticar as catástrofes do mundo contemporâneo, engaje-se ativamente na busca por soluções e alternativas, conectando-se com a multiplicidade de saberes que habitam nossa sociedade.

Reunidos neste dossiê, os artigos **“Vráaaaa! Uma agenda de outros mundos possíveis”**, **“Provincializando o Espaço Sideral: uma leitura da insurgência quilombola contra os regimes de futuro do Programa Espacial em Alcântara”**, **“Imersão cultural e literatura baiana: vivências na educação básica”** e **“Das Margens ao Centro: uma linha do tempo sobre a trajetória da presença indígena na UFMG”** articulam-se em torno de uma pergunta comum: como criar, narrar e sustentar mundos outros diante das forças de apagamento e homogeneização modernas? O primeiro ensaio aposta na (auto)ficção e na memória coletiva para pensar as formas de fazer comunidade e resistência política de um coletivo LGBTQIA+ em Juiz de Fora, afirmando a potência criadora de agendas que se constroem à margem. De forma audaciosa o autor propõe um texto em leque. O segundo, desloca o olhar para o território quilombola de Alcântara, onde



Construir paraquedas em tempos de urgência: uma abertura para imaginar outros mundos

Bianca Zacarias França, Guilherme Eugênio Moreira, Joyce Delfim

o enfrentamento entre o Quilombo Mamuna e o Programa Espacial Brasileiro evidencia a colonialidade do tempo e da ciência, propondo o gesto de “provincializar o espaço” como abertura para regimes plurais de futuro. Nesse texto a política não é apenas disputa de interesses, mas de temporalidades. O terceiro texto, centrado em uma experiência pedagógica em Salvador, revela como práticas educativas sensíveis à literatura baiana e às heranças afro-brasileiras fortalecem o pertencimento e a consciência histórica de estudantes, afirmando a escola como espaço de invenção cultural. Por fim, o artigo sobre a trajetória da presença indígena na Universidade Federal de Minas Gerais recompõe, por meio da história oral e da memória institucional, uma linha do tempo de lutas e conquistas pela democratização do ensino superior, reconhecendo Minas Gerais como território indígena e reivindicando uma universidade decolonial e comprometida com a justiça social. Juntos, esses trabalhos convocam à escuta de vozes, saberes e temporalidades subalternizadas, e insistem na construção de mundos possíveis enraizados em experiências plurais de resistência, criação e pertencimento.

Dando continuidade, os oito artigos que completam este dossiê aprofundam e diversificam a aposta na imaginação política como condição de sobrevivência. Embora provenientes de campos teóricos e metodológicos distintos – da Psicossociologia ao afrofuturismo, da Capoeira Angola às epistemologias mutantes trans*, das resiliências indígenas às ficções visionárias –, todos convergem em uma mesma recusa: a de aceitar como natural o esgotamento produzido pela modernidade colonial. Cada artigo, à sua maneira, desloca o horizonte do possível e afirma mundos que já se fazem e já existem.

Albuquerque (2025), no texto **“Por corpos disfóricos e por uma epistemologia mutante: Paul B. Preciado e o elogio da travessia”**, conversa com Paul B. Preciado para pensar a disforia como incômodo necessário diante das fronteiras que regulam o gênero, o corpo e o próprio gesto de conhecer. A travessia aparece, aqui, como prática epistêmica e política: deslocar-se, mutar, recusar identidades estáveis e abrir-se para transformações torna-se uma forma de sobreviver no presente. Esse pensamento ressoa profundamente com os propósitos deste dossiê, pois reafirma que imaginar outros mundos exige desobedecer às normas que tentam fixar os corpos e estancar suas possibilidades.



Construir paraquedas em tempos de urgência: uma abertura para imaginar outros mundos

Bianca Zacarias França, Guilherme Eugênio Moreira, Joyce Delfim

Em **“Ensino, improviso e imaginação no jogo de Angola”**, a Capoeira Angola é apresentada como filosofia do corpo, pedagogia de liberdade e arte de improvisar mundos. A partir da oralitura de Leda Maria Martins, da ética brincante ancestral e dos ensinamentos de Mestre Pastinha, o artigo descreve como o jogo se faz lugar de cuidado, autonomia, memória e criação. Improviso e malícia não são apenas técnicas — são modos de desafiar a anatomia social que pretende disciplinar corpos negros. O texto compõe, assim, uma reflexão potente sobre como práticas corporais e rituais produzem mundos moventes, constituídos pela relação e pelo gesto de brincar apesar da violência histórica.

“Contra a pedagogia da punição, uma pedagogia abolicionista: ficções visionárias e justiça transformativa” aproxima o abolicionismo penal das ficções radicais de autoras como Walidah Imarisha. Mais do que denunciar o capitalismo e a necropolítica, o artigo convoca a criação de modelos comunitários de cuidado e reinvenção da justiça. O que está em jogo é a possibilidade de imaginar sociedades que não dependam do encarceramento e da punição para existir — uma aposta que converge com o espírito deste dossiê ao lembrar que futuros mais habitáveis só surgem quando ousamos fabular alternativas concretas.

Essa articulação entre ficção, política e reinvenção sensível aparece também em **“Frequentemente é o fim do mundo: ficções sônicas em *O Último Anjo da História* (1995) de John Akomfrah”**. Jota (2005) mobiliza as ficções sônicas e o sampleamento como tecnologias negras de tempo, capazes de criar dobras, anacronias e aberturas no colapso. Em diálogo com Kodwo Eshun, o artigo evidencia como a montagem sonora e visual produz futuros negros possíveis mesmo diante do sentimento reiterado de fim. Em vez de imaginar o futuro como linha evolutiva, o filme sugere um tempo fraturado, atravessado por contaminações e sobrevivências, um convite a habitar a instabilidade como forma de invenção.

Em **“Em defesa do direito de imaginar: a imaginação como ferramenta política de agência no afrofuturismo”**, o afrofuturismo é retomado por Lima (2025) não como estética, mas como prática de agência radical que reinscreve pessoas negras no porvir. A imaginação aparece como gesto de cura e autonomia, como possibilidade de romper com a temporalidade eurocêntrica que empurra corpos negros para o passado.



Construir paraquedas em tempos de urgência: uma abertura para imaginar outros mundos

Bianca Zacarias França, Guilherme Eugênio Moreira, Joyce Delfim

Ao defender o direito de imaginar, o artigo reivindica novos horizontes éticos e políticos capazes de restaurar dignidade, criar novas mitologias e reconfigurar histórias que foram violentamente interrompidas.

A dimensão coletiva e territorial da imaginação emerge em **“De que lugar se projetam os paraquedas? Entre as trilhas da Psicossociologia e dos Coletivos para reinventar lugares de sonhos”**. Moreira e Florencio (2025) refletem, desde a Psicossociologia e dos estudos sobre coletivos urbanos, sobre práticas de criação de “lugares de sonho”. A partir de trajetórias de movimentos sociais, o texto evidencia como sujeitos e coletivos inventam modos de pertencer à cidade, de resistir ao apagamento e de construir redes de apoio, transformando precariedades em territórios de solidariedade. Trata-se de uma sociologia engajada que reconhece que os paraquedas se constroem desde baixo, em meio a contradições, afetos e alianças cotidianas.

O artigo **“Quintais como espaços vitais: alianças interespécies e protagonismo feminino diante da continuidade da COVID-19”** desloca a discussão para o campo das alianças interespécies, mostrando como, em contextos indígenas e de assentamento, os quintais se tornaram centrais para a continuidade da vida durante a pandemia de COVID-19. Mulheres, plantas, animais domésticos e saberes tradicionais formam redes de cuidado que contrastam com a ruptura ecológica mais ampla. Ao documentar essas práticas, o texto sustenta uma tese fundamental para este dossiê: futuros existem e são sustentados por alianças que escapam à lógica das monoculturas, reconhecendo a agência compartilhada entre humanos e não humanos.

Por fim, em **“Resiliências indígenas contra as monoculturas”**, Virgílio (2025) discute as maneiras pelas quais povos indígenas resistem às monoculturas materiais e conceituais impostas pela modernidade. Práticas agrícolas, epistemologias próprias, cosmologias e modos de vida coletivos são apresentados como estratégias de resiliência que reativam o plural e desestabilizam identidades fixas. O artigo reafirma que imaginar outros mundos implica também enfrentar as monoculturas do pensamento, valorizando sistemas indígenas como ferramentas fundamentais para a reconstrução planetária.

Tomados em conjunto, os trabalhos mostram que imaginar outros mundos não é exercício abstrato: é prática situada, política e relacional. É corpo em movimento, é



Construir paraquedas em tempos de urgência: uma abertura para imaginar outros mundos

Bianca Zacarias França, Guilherme Eugênio Moreira, Joyce Delfim

cuidado comunitário, é fabulação radical, é travessia, é resiliência indígena, é pedagogia negra, é disputa temporal. O dossiê que aqui se apresenta reúne linguagens diversas: ensaio teórico, análise fílmica, reflexão pedagógica, investigação etnográfica, estética afrofuturista, pensamento trans*. Juntas reivindicam o direito de viver e pensar para além das monoculturas da modernidade-colonial.

Se há algo que atravessa todos os textos, é a convicção de que o fim do mundo não é destino, mas projeto, e por isso mesmo pode ser interrompido. As contribuições deste dossiê convocam a imaginar, fabular, sentir e agir para construir paraquedas coloridos capazes de sustentar vidas e abrir dias possíveis. Entre corpos mutantes, corpos brincantes, corpos coletivos, corpos-território e corpos futuros, emerge uma ética da relação que insiste em afirmar que outros mundos já estão sendo praticados agora, nas brechas, nos quintais, nas rodas, nos coletivos e nas ficções que nos permitem respirar.

Que este dossiê possa, assim, ampliar espaços de pensamento, inspirar alianças e fortalecer lutas que insistem em abrir caminhos, mesmo em tempos de urgência.